



VIOLÊNCIA NA AMAZÔNIA

PF acha oito corpos e suspeita de retaliação

Cadáveres encontrados não são de indígenas, que podem ter devolvido ataque que matou um agente de saúde e feriu dois nativos

» RENATO SOUZA

Indignação

Oito corpos foram encontrados, na segunda-feira, boiando no rio Mucajai, que corta a Terra Indígena Yanomami. Os mortos não são indígenas e estavam em uma área ocupada por garimpeiros. Depois de um sobrevoo, os cadáveres foram avistados próximo de uma ribanceira, e as autoridades suspeitam que podem ter sido assassinados pelos nativos.

A Polícia Federal (PF) enviou equipes de grupos de elite ao local para conter a escalada de violência, motivada, sobretudo, pela reação armada dos invasores. A corporação também informou que as investigações sobre os oito cadáveres estão em curso.

"Foram realizadas perícias e levantamentos no local onde os corpos foram encontrados e a Polícia Federal já articulou a retirada dos corpos do local e realização dos exames médico-legais para se descartar as causas das mortes", observa a PF.

Os primeiros relatos de violência entre invasores e indígenas começaram no sábado, quando três ianomâmis foram atacados — dois ficaram feridos e um deles, o agente de saúde Ilson Xirixana, morreu. Horas depois, uma aeronave, já em solo, que levava agentes da Polícia Rodoviária Federal (PRF) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), foi atacada por homens que fazem a extração ilegal de minério. Os agentes revidaram e quatro garimpeiros foram mortos.

Segundo as associações Hutukara Associação Yanomami (HAY) e Texoli Associação Nínam Estado de Roraima (Taner), a ofensiva de garimpeiros no sábado, contra as autoridades, foi realizada no momento em que as comunidades se preparavam para a cerimônia fúnebre do ianomâmi morto. Em razão disso, há relatos de que os indígenas se revoltaram e integrantes da comunidade Uxiu teriam se organizado para atacar, nas margens do rio Mucajai, os exploradores que passassem de barco. A PF acredita que os oito corpos encontrados podem ser de garimpeiros que teriam sido mortos por indígenas, em retaliação ao ataque que matou um ianomâmi.

Em 21 de janeiro, o governo federal declarou emergência de saúde pública na Terra Indígena Yanomami, em razão da ausência de acesso a medicamentos, serviço médico e quadro grave de fome e casos de malária entre os integrantes das comunidades tradicionais. Uma comitiva enviada pelo governo identificou um cenário de extrema gravidade gerado pela desnutrição, deteriorando a saúde dos indígenas e elevando os índices de mortalidade infantil na região.

Um levantamento da Organização das Nações Unidas (ONU) aponta que a desnutrição entre os ianomâmis é 10 vezes maior que no resto do país. Supera, ainda, taxas de países como Serra Leoa e República Centro-Africana, onde estão as comunidades com maiores taxas de pobreza.

Reynesson Damasceno/Photopress/Estado Conteúdo



Efetivo da Força Nacional em frente ao Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami, em Boa Vista. Nativos teriam retaliado ataques dos garimpeiros

Ministras percebem redução de invasores da área

As ministras Marina Silva, do Meio Ambiente e Mudança do Clima, e Sônia Guajajara, dos Povos Indígenas, sobrevoaram, ontem, a Terra Indígena Yanomami, em Roraima, onde o agente de saúde indígena Ilson Xirixana foi morto no último fim de semana. Segundo líderes indígenas, o ataque a tiros, que ainda deixou dois feridos, teria partido de garimpeiros ilegais que atuam na região.

Em coletiva de imprensa no Auditório do hangar da Base Aérea de Boa Vista, as ministras afirmaram que é visível a queda na presença de garimpeiros no território. As estimativas

do Ministério do Meio Ambiente (MMA) falam em redução de 80%. "É importante entender que a ação integrada vai continuar até que cessem os conflitos e saiam os garimpeiros", explicou Sônia.

Marina disse que a intensificação na retirada dos criminosos virá por meio da atuação da Polícia Federal (PF) em identificar financiadores do garimpo. "A Polícia Federal realiza um trabalho de inteligência para identificar não só quem está sendo usado na ponta, mas também quem dá suporte (financeiro e logístico) à ação criminosa", observou.

A ministra falou, também, que

o governo trabalha pela retirada pacífica dos garimpeiros que permanecem no território indígena e que os conflitos resultam da resistência de agentes criminosos. No domingo, quatro garimpeiros morreram durante operação de fiscalização da Polícia Rodoviária Federal (PRF) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) na região de Uaiacás, na Terra Indígena Yanomami. A PRF disse que a equipe foi recebida a tiros.

Armas pesadas

Foram apreendidos um fuzil

e armas de uso restrito. O ataque é investigado pela PF. O governo diz que há indícios de que uma facção criminosa atua no local. Um dos mortos, Sandro Moraes de Carvalho, era foragido da Justiça do Amapá e é suspeito de comandar as operações ilegais que uma facção criminosa mantém naquela área. Segundo o MMA, este é o quarto ataque contra equipes do Ibama desde fevereiro, quando o governo iniciou os planos para retirada de garimpeiros do território dos ianomâmis.

A ministra da saúde, Nísia Trindade, prestou solidariedade ao agente de saúde morto.

Ela foi ao Hospital Geral de Roraima para visitar os outros dois indígenas que foram gravemente feridos no mesmo confronto e disse que estão estáveis, conscientes e não correm perigo de morte.

Nísia defendeu o caráter interministerial da operação ao lembrar que a atuação das equipes de saúde depende da segurança pública na região. "Houve fechamento de unidades de saúde por causa da presença de garimpos e dos conflitos. Precisamos do olhar forte (do Ministério) da Defesa e da Segurança Pública, de todos os ministérios", cobrou.



É importante entender que a ação integrada vai continuar até que cessem os conflitos e saiam os garimpeiros"

Sônia Guajajara, ministra dos Povos Indígenas, após sobrevoar a região onde exploradores atacaram nativos

COVID-19

Rovena Rosa/Agência Brasil



Homem com a Arcturus tem esquema vacinal completo e tomou a bivalente

Caso de nova variante é registrado em SP

» ISABEL DOURADO*

Uma variante do novo coronavírus, C — também conhecida como XBB.1.16 —, foi identificada em São Paulo, na segunda-feira. O caso refere-se a um homem de 75 anos, acamado e com comorbidades, que apresentou sintomas de síndrome gripal e febre persistente em 7 de abril. A Organização Mundial de Saúde (OMS) monitora a variante e a classificou como de interesse.

O registro foi confirmado pela Coordenadoria de Vigilância em Saúde (Covisa). A Arcturus foi sequenciada pela primeira vez na

Índia, no início de janeiro, e está presente em cerca de 33 países até o momento.

O paciente com a nova variante tem o esquema vacinal contra a covid-19 completo, incluindo a vacina bivalente da Pfizer — que começou a ser distribuída há poucas semanas. Os sintomas provocados pela nova variante são conjuntivite, tosse seca e febre.

Bergmann Moraes, virologista e professor do Departamento de Biologia da Universidade de Brasília, explica que até o momento a nova linhagem do vírus da covid-19 ainda não é motivo para

preocupação. "A Arcturus desce da Ômicron BA.2 e causa sintomas como conjuntivite. Ainda não está associado com algo preocupante, como o maior número de mortes. Esse vírus está se modificando, mas isso não quer dizer que vá causar mais mortes. Isso porque a maioria da população está vacinada e tem anticorpos para a própria ômicron", explicou.

São Paulo ainda não está oferecendo a vacina bivalente para a população de mais de 18 anos. Segundo a OMS, a avaliação de risco global para a Arcturus é baixa em comparação com a

Kraken (XBB.1.5). A instituição informou no último relatório técnico que nenhuma mudança na gravidade da saúde de pacientes contaminados foi relatada em países onde a XBB.1.16 está circulando.

O professor da UnB salienta ainda não há dados suficientes que comprovem qual a taxa de eficácia da vacina bivalente contra a subvariante Arcturus, mas ele reforça que até agora não foram detectadas mudanças na gravidade da doença.

*Estagiária sob a supervisão de Fábio Grecchi